

## “ELE QUERIA SER A CINDERELA”: MASCULINIDADES SUBVERSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Paulo Melgaço da Silva Junior  
Fundação de Apoio a Escola Técnica -Faetec/Rj  
[pmelgaco@uol.com.br](mailto:pmelgaco@uol.com.br)  
Marcio Caetano  
Universidade Federal do Rio Grande- UFRG  
[mrvcaetano@gmail.com](mailto:mrvcaetano@gmail.com)  
EDI- Estudo da(s) Masculinidade(s)

### RESUMO

Este artigo se propõe discutir os modos pelos quais um aluno da educação infantil subverte as normas de gênero e da masculinidade hegemônica para construir seu próprio modelo de masculinidade. Os estudos de gênero e winnicottianos iluminaram a realização deste estudo. Para a geração de dados realizamos um estudo de caso. O estudo revelou que as masculinidades na educação infantil são construídas a partir de jogos e brincadeiras, não estando relacionadas a futura orientação do desejo sexual.

Palavras Chave: Masculinidades subversivas, Masculinidades, Educação Infantil, Jogos e Brincadeiras, Escola.

### Introdução

Este artigo aborda os modos pelos quais um aluno da educação infantil, por meio de jogos e brincadeiras, subverte as normas de gênero e da masculinidade hegemônica para construir seu próprio modelo de masculinidade. De acordo com Connell (2000), Badinter (1993) as masculinidades são construídas com base em projetos de masculinidade hegemônica. Neste sentido, pensar em masculinidade hegemônica é pensar em uma versão de algo que foi criado, construído, imaginado, considerado como padrão. Assim, nos apropriando dos Estudos de Gênero e dos Estudos Winnicottianos, discutimos como um aluno de uma escola pública localizada em Duque de Caxias subverte os modelos hegemônicos de masculinidades e busca revelar sua própria performatividade.

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas. Uma formatação com espaços, tempos, organizações e práticas construídos no seio das intensas relações entre crianças e entre crianças e adultos (VIANNA e FINCO, 2009). Neste espaço podemos visualizar um rito de passagem para vida escolar, pois é a etapa que antecipa a escolarização (Ensino Fundamental). Com isso, a uma grande preocupação com a pedagogização

dos corpos, as regras de feminilidade e masculinidade são retomadas a todo momento, seja no uso do espaço, nas filas, nos jogos e brincadeiras. A todo momento corpos são vigiados para que não escapem às normas. Contudo, é possível fugir a regra e buscar caminhos para subverter normas pré-estabelecidas. Desta forma, neste estudo, discutimos o caso de Marcos<sup>1</sup>, aluno da educação infantil da escola Liberdade, que por meio de jogos e brincadeiras buscou possibilidades para experimentar outras possibilidades de masculinidades. De acordo com Winnicott (1971), é no brincar que a criança busca o seu self (eu) e que frui sua liberdade de criação. Destacamos que a escola está localizada na periferia de Duque de Caxias. É uma instituição pequena: funciona em 2 turnos com turmas da Educação Infantil e o primeiro segmento do Ensino Fundamental. Para complementar as atividades pedagógicas, a escola possui uma parceria com a CIART<sup>2</sup> e recebe professores/as de dança, teatro e origami.

Foi durante as aulas de teatro, nesta escola, que o aluno Marcos<sup>3</sup> disse para professora que queria ser a Cinderela da peça que ela estava montando. Naquele momento, ele se tornou o caso da escola. O caso é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade (FOUCAULT, 1977). Em outras palavras, ele se constituiu em um caso porque ele transgrediu as fronteiras de gênero, se constituiu em um problema para a escola.

De acordo com Yin (2010) o estudo de caso é o método que visa compreender fenômenos sociais complexos, preservando as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Para essa pesquisa, os dados foram gerados por meio de entrevistas realizadas com as professoras de teatro e de turma. O texto está dividido da seguinte maneira: no primeiro momento, apresentamos os pressupostos teóricos que nos orientam e avançamos no debate sobre as múltiplas masculinidades e o caso Marcos. Por fim, as considerações.

### **Entre jogos e brincadeiras a construção do masculino**

O brincar é essencial no processo de construção do self (eu). É no brincar que a criança descobre o mundo a sua maneira e descobre a si mesma, cria consciência de si e de outros. Winnicott (1971) nos mostra que é no brincar que a criança e o adulto liberam sua liberdade de criação, sendo este o momento que se manifesta a sua criatividade. Nesta perspectiva, este

---

<sup>1</sup> Destacamos que todos os nomes são fictícios.

<sup>2</sup> A Prefeitura Municipal de Duque de Caxias/RJ mantém a CIART (Casa de Iniciação as Artes) que consiste em oferecer aos/as alunos/as da rede municipal de educação acesso às diversas linguagens artísticas (dança, música, canto, desenho, artesanato) ministradas em horários alternativos nas escolas por professores/as da própria rede.

<sup>3</sup> É relevante destacar que este fato aconteceu em 2016 quando o referido aluno tinha acabado de completar 6 anos de idade.

indivíduo criativo descobre o seu eu. O brincar promove a inteligência, produz formas de aprendizado e de interação com os outros, e com diversos objetos. Por meio dele, a criança se desenvolve, dando vida aos elementos da brincadeira. Estes elementos são chamados por Winnicott (1971) de elementos transicionais, ou seja, aqueles que levam a criança para outro mundo: do sonho e da fantasia.

Neste sentido, o brincar abre a possibilidade de criação a partir de um engendramento entre o mundo real e mundo do interno. É a realidade que vai alimentar essa fantasia. Esse espaço do brincar é chamado por Winnicott (1971) de “espaço potencial”. Por meio dele, a criança organizará sua vida, sua realidade e, principalmente, exercitará seus potenciais. É neste espaço que a criança estará representando e reconstruindo seus desejos, sonhos, medos e angústia.

O brincar é prazeroso e satisfaz inúmeras necessidades das crianças e seus desejos. Vasconcelos (2006) destaca que, na fase dos 5 anos, são as necessidades não realizáveis de pronto que impulsionam a criança a brincar de uma forma simbólica. Dessa forma, liberando um agir sobre a realidade, que nem é totalmente o real factível, nem é o mundo subjetivo somente. Nesta perspectiva, os papéis sociais começam a ser construídos a partir deste brincar sem compromisso com as regras sociais, mas, de certa forma, dentro das mesmas normas. As regras do cotidiano, transmutadas em veracidades e criações próprias, podem ser vivenciadas e internalizadas por meio das brincadeiras que igualmente colocam em jogo o que é ser homem e o que é ser mulher.

Não podemos nos esquecer das brincadeiras de boneca e de carrinho, que, como Louro (2004) mostrou, estão entre os primeiros presentes que conduzem a viagem que construirá homens e mulheres que seguem as regras impostas e aceitáveis pela sociedade. Para este trabalho, interessamos pensar nos jogos de simulacro, ou seja, aqueles jogos propõem criar uma situação fictícia separada do mundo real que permitem jogador criar um personagem e conduzir suas consequências. Aqui o prazer consiste em simular outras pessoas, por máscaras e representar os outros.

### **Masculinidades em questão: quando o modelo hegemônico e subvertido**

Considerando as masculinidades como práticas sociais de engajamento e pertencimento a grupos. Destacamos que, para além do modelo disseminado como hegemônico em nossa sociedade, as masculinidades são múltiplas. Diversos tipos de masculinidades coexistem e são produzidas simultaneamente. Connel (2000) destaca que as masculinidades subordinadas ou marginalizadas seriam aquelas que são produzidas com a exploração e opressão de grupos e minorias. Essas

identidades são construídas com base em estereótipos e os sujeitos são marcados como abjetos, sem brilho e valores.

Neste artigo, nos interessa pensar as masculinidades subversivas, ou seja, aquelas que promovem a desestabilização do essencialismo identitário e a infinitude de sentidos possíveis atribuídos ao masculino. Desta forma, masculinidades subversivas podem contribuir para problematizar as normas regulatórias de gênero que buscam normatizar e privilegiar determinadas formas de materialização de corpos e gêneros e acentuam outros modelos possíveis de masculinidades. A narrativa da professora de teatro Cristina pode contribuir para percebermos como Marcos a partir do jogo de faz de conta, do simulacro (AIZENCANG, 2005; VASCONCELOS, 2006), buscou elementos para subverter as regras da masculinidade hegemônica:

O caso da Cinderela começou mais ou menos em agosto. Eu contei para as turmas que nos tínhamos uma apresentação para os pais no final e que tínhamos que nos dedicar bastante. Eu escolhi montar uma peça que eles gostassem da história e conhecessem os personagens. Então, eu disse que íamos encenar Cinderela a turma vibrou. Lembro que os menores ficaram mais entusiasmados que os maiores. Uma aluna perguntou sobre quem seria a Cinderela. Falei que não sabia. Um belo dia [...], ele me pediu para ser a cinderela [...]. Ele falou queria ser cinderela [...] Levei um choque! Não sabia o que fazer [...], pensei em tanta coisa. Falei com ele que depois ia conversarmos. Lembro que naquele dia nem dei ensaio [...] Juro!!! Não sabia o que fazer [...]. Estava torcendo para ele esquecer deste assunto [...]. Esperava que ele esquecesse disto, principalmente porque ficaríamos uns 3 dias sem nos ver [...]. A primeira coisa que ele me perguntou no retorno foi se ele ia poder ensaiar o papel da Cinderela [...] Ele disse que já sabia tudo [...] tentei falar para ele que já tínhamos a Cinderela e que ela seria uma menina e porque a personagem era uma menina e ele é um menino [...]. Ele usou minhas falas para me responder que teatro é faz de conta e que todo mundo podia ser o que quisesse [...]. Então ele queria ser a cinderela [...] e eu fiquei sem chão. (entrevista realizada no dia 30 de novembro, escola Liberdade)

A professora propôs o jogo teatral. Ao longo deste processo Marcos deu vida aos elementos da brincadeira, chamados por Winnicott (1971) de elementos transicionais. Neste sentido a proposta de vivenciar a cinderela transportou o aluno para o universo do sonho e da fantasia. Se em um primeiro momento a professora tentou trazer o aluno para o mundo do masculino separando as expectativas de gênero e afirmando que o papel era para uma menina. Ou seja, a professora tentou desempenhar seu papel de vigia de gênero, tentando fazer com que o aluno não escapasse às normas.

Em um segundo momento, o aluno se mostrou consciente das regras da brincadeira, do simulacro, destacando que o teatro é um faz de conta. Desta forma, apesar de reproduzir ou reforçar a realidade ele também pode constituir outras realidades. Assim, Marcos queria construir um novo modelo de masculinidade. Em outras palavras, ele estava colocando em xeque as masculinidades que promovem rupturas nos sentidos mais estáveis do que se considera normativo para o masculino. Assim, a proposta era criar uma situação fictícia separada do mundo real que permitisse jogar

criar um personagem e conduzir suas consequências. Ao querer viver a Cinderela, mesmo reconhecendo que era um teatro, Marcos buscava elementos para vivenciar novas possibilidades de masculinidades. A professora Fernanda que foi sua professora na época, destaca alguns aspectos de suas subjetividades:

O Marcos é um menino muito especial, sensível, inteligente, atencioso, carinhoso... Ele tem muitas qualidades. Estuda aqui na escola desde os 5 anos, na educação infantil. Aprendeu a ler muito rápido tamanha era sua curiosidade em compreender as coisas... ele sempre quis conquistar tudo!!!! Também sempre participou e muito das atividades extraclasse seja desenho, teatro, artesanato, tudo que era oferecido. (Fernanda professora do 3º ano. Entrevista realizada na escola Liberdade no dia 18 de outubro de 2017)

As crianças são educadas pelos adultos a partir das normas dos gêneros inteligíveis. Ou seja, os comportamentos, os gostos, as características de desenvolvimento são reforçadas direta ou indiretamente no cotidiano, inclusive nas salas de aula. É recorrente as/os professoras/res (principalmente da educação infantil e do primeiro segmento do ensino fundamental) se referirem às meninas elogiando sua meiguice ou capricho. Assim como a naturalização da desorganização do menino. Nesta perspectiva, é relevante destacar como Fernanda apresenta Marcos, dando relevo a sua sensibilidade e meiguice, ou seja, características usualmente relacionadas às meninas. Em sua fala, a professora esvazia todas as características de masculinidades que são atribuídas aos garotos tais como virilidade, gosto pelos esportes (BADINTER, 1993).

Para solucionar a questão a professora de teatro, talvez em busca de entender as ansiedades da criança, burlou a norma de gênero. Ela permitiu que o aluno realizasse a apresentação como Cinderela, mesmo que em forma de ensaio e para um pequeno grupo. Assim, provavelmente ela evitou o sofrimento humano e, ao mesmo tempo, a exposição em ampla escala do aluno, fazendo uma apresentação mais intimista. Neste sentido, a ela trouxe para a atividade a importância de jogo e brincadeira. Com isso, possibilitou que Marcos vivenciasse novas possibilidades de masculinidades: desviantes, atrevidas, desafiadoras. Uma masculinidade que subverteu as regras. Assim, ele burlou uma norma, burlou os processos de masculinização e feminilização presentes no cotidiano escolar e que são responsáveis por tornar as crianças os homens e mulheres do amanhã. Sua apresentação produziu rachaduras no silenciamento sobre as masculinidades possíveis no cotidiano escolar. Contudo, destacamos que, ao apresentarmos e discutirmos as performances de masculinidades de Marcos não estamos nos referindo aos possíveis rótulos de sexualidade.

### **Para não concluir**

A questão que esteve implícita ao longo deste estudo foi como os jogos e as brincadeiras contribuem para a construção das masculinidades de alunos da educação infantil. Verificamos que

os jogos e brincadeiras de faz de conta simulam situações reais, nas quais, por meio de personagens fictícios, as crianças criam um mundo imaginário sustentado por elementos reais. Com isso, elas podem subverter normas sociais. Ao querer viver o papel de Cinderela, este aluno colocou em questão as perspectivas pedagógicas e as normas pré-estabelecidas de gênero.

É necessário compreender que essas observações e a pesquisa aconteceram em um contexto específico de interação. Em outro contexto, esses meninos podem jogar, brincar e construir o seu self de outra maneira. Existe, também, a possibilidade de os meninos participarem de outras experiências de vidas e então, certamente, a possibilidade de reinvenção de seus discursos e de suas masculinidade. Existe, também, a possibilidade de os meninos participarem de outras experiências de vida e, então, quem sabe, reinventarem-se em seus discursos e em suas masculinidades.

## REFERÊNCIAS

- AIZENCANG, N. **Jugar, aprender y enseñar**: relaciones que potencializan los aprendizajes escolares. Buenos Aires: Manatíal, 2005.
- BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CONNELL, R. W. **The men and the boys**. Berkeley. California: The University of California Press, 2000.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1977
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- VASCONCELOS, M. S. Ousar brincar. In: ARANTES, V. A. **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p. 265-283, dez. 2009
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1971.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.